

A VIDA CÓSMICA
Teilhard de Chardin

CAPITULO III
A COMUNHÃO COM DEUS

A. O MUNDO DAS ALMAS

A soberana doçura do Cristianismo é ser, acima de tudo, uma religião de pessoas, a religião das almas. Enquanto que, para encontrar uma Divindade, estável e permanente, os devotos da Terra se não podem voltar senão para um Devir, ou uma colectividade, ou qualquer termo inferior muito simples da Matéria, o cristão crê que abriga em si próprio uma substância imortal, fruto durável, em intenção do qual tudo se move no Universo, tudo se propaga. O termo esperado do Mundo não é uma Super-humanidade problemática e longínqua: incessantemente, em cada uma das almas que dele nasce, cresce, e depois se desvanece, o Cosmos realiza a melhor das suas esperanças. O Cosmos não é mais que um caule passageiro e susceptível de murchar: limita-se a poder veicular do Absoluto as almas que o recolhem, o fixam, e depois o levam, quando a morte as colhe, como frutos maduros; as almas, para que nada é demasiado belo e demasiado precioso no céu e na terra, as almas, quinta-essência das perfeições elaboradas pela Vida natural e sede dos inefáveis engrandecimentos operados pela santificação.

Assim fala a voz cristã, e pareceria que ao escutá-la uma alegria muito pura devia invadir e subjugar o meu coração. Mas eis que a princípio, ao apaziguamento pela imortalidade prometida, se mistura uma grande desconfiança.

Saboreei demasiado a alegria de dilatar o meu ser à medida de tudo o que vive para poder, de ora avante, confinar-me a mim; senti demasiado palpitar na minha alma a universalidade para poder aceitar uma beatitude que me isole... Ora, as promessas cristãs não destroem as esperanças cósmicas? O primado da mônada não desfloreará e não extinguirá os encantos misteriosos da Plêiade?

Para termos a felicidade de nos crermos Alguma Coisa, não deveremos renunciar ao forte inebriamento de nos sentirmos envolvidos, atravessados, arrastados, por Outra Coisa, mais vasta e mais importante que nós?

Tranquilizemo-nos: este receio é vão. Tudo o que o coração humano abriga de grandes e sãs ambições, neste como noutros pontos, a Revelação respeita-o e centuplica-o. Não, aos olhos do crente esclarecido, as almas nem se formam no Mundo, nem o deixam, à maneira de centros descontínuos e autónomos. Mais e melhor que em qualquer sonho panteísta humano, as mónadas santas são os átomos que banha, alimenta e transporta uma mesma substância insondável e primitiva, os elementos que agrupam e especializam, tendo em vista a constituição de uma unidade superior, uma rede de íntimas relações. *Religião supremamente individualista, o Cristianismo permanece essencialmente uma religião cósmica:* pois, no final dos trabalhos da Criação e do apostolado, não é apenas uma ceifa de almas que nos descobre, é um *Mundo de almas*.

Contemplemo-lo.

A substância fundamental no seio da qual se desenham as almas, o meio superior onde elas evoluem, o seu Éter especial (se assim se pode dizer), é a transcendência e portanto a imanente Divindade *in qua vivimus et movemur et sumus*.

Incapaz de se misturar e de se confundir no que quer que seja com o ser participado que apoia, anima, liga, Deus está no nascimento, no crescimento, no fim de todas as coisas. Tudo vive e tudo se eleva, por conseguinte tudo é uno, em Si e por Si...

Para celebrar o entusiasmo dessa união e dessa unificação, os termos mais apaixonados do panteísmo são permitidos ao coração e aos lábios, com esse êxtase que se acrescenta à Coisa universal, de que tudo emana e a que tudo torna, não é o Impessoal, o Incognoscível e o Inconsciente, em que o indivíduo se dissolve e se perde fundindo-se, mas, pelo contrário, um Ser vivo, que nos ama, no qual as consciências, ao perderem-se, se acentuam e iluminam completamente até aos recursos extremos da sua personalidade.

Vasto e envolvente como a Matéria, mas quente e íntimo como uma alma, Deus é o Centro repartido por toda a parte, cuja imensidade é devida a um excesso de concentração, cuja opulenta simplicidade sintetiza um paroxismo de virtudes acumuladas. Oh! a alegria inexprimível de nos sentirmos invadidos, absorvidos¹ infinda e ilimitadamente, por um Infinito, não distendido e incolor, mas vivo e luminoso, que conhece, que atrai, que ama!...

Arrastadas, irresistivelmente, pelas exigências das suas faculdades inatas, e sobretudo pelos apelos da Graça, para um centro comum de beatitude, as almas encontram, nessa própria convergência, um primeiro laço que as agrupa num Todo natural. Ora, as suas trajetórias mais não fazem que encontrar-se no termo do movimento que as arrasta. Pela Graça, que as situa no campo da atracção divina, estão sujeitas, além disso, a influenciar-se mutuamente pelo caminho; e, nessa dependência relativa, muito semelhante à que encadeia os sistemas materiais, reside o mistério (quase se poderia dizer o fenómeno) tão assombrosamente «cósmico» da *Comunhão dos Santos*. Semelhantes a corpúsculos banhados por um mesmo fluido espiritual, as almas não podem pensar, rezar, agir, mover-se, sem que ondas, emanadas da mais ignorada de entre elas, vão agitar as outras; sem que, por trás de cada uma delas, um rasto surja, aspirando outras almas para o bem ou para o mal.

E ainda muito mais semelhantes aos organismos que a vida terrestre forma e desenvolve, em dependência mútua, nos caminhos da Consciência, elas sabem que a evolução da sua santidade pessoal atinge o seu verdadeiro valor no sucesso de uma Obra global que ultrapassa e excede infinitamente o triunfo dos indivíduos.

Mas, enquanto que, sob influência da Evolução natural, a comunidade de trabalho não engendra mais que um Todo de textura divergente, cujas partes se desfiam e dispersam, ao sabor de acidentes ou impulsos diversos, enquanto que o grupo dos seres vivos mais unidos no seu destino, o dos homens, não ultrapassa

¹ O manuscrito tem «absorver»; modificando a sequência da frase, o autor esqueceu-se de corrigir (passagem da activa à passiva).

(ainda?), na sua unificação, a fase de uma colectividade organizada, as almas santas, essas, no final do seu desenvolvimento e da sua confluência, entreveem uma solidariedade bem distinta.

Graça, com efeito, não é apenas o meio comum, a corrente de conjunto, pela qual a multitude é cimentada na coerência de um bloco ou de um impulso. Para o crente, ela representa, sem metáfora, a alma comum que os cativa sob o domínio infinitamente doce de uma consciência. A Comunhão dos Santos estabelece-se na bem-aventurada unidade de um Todo fisicamente organizado; e esse Todo, mais absoluto que os indivíduos sobre os quais reina, pois é *em junção* de Ele e não *na qualidade de partículas isoladas* que os elementos penetram e subsistem em Deus, é o corpo de Cristo.

B. O CORPO DE CRISTO

Pelos espíritos tímidos nas suas concepções ou imbuídos de preconceitos individualistas, que procuram sempre interpretar as ligações entre seres como relações morais ou lógicas, o Corpo de Cristo é facilmente concebido por analogia com as agregações humanas. É, então, muito mais semelhante a uma aglomeração social que a um organismo natural. Esses espíritos enfraquecem perigosamente as Escrituras e tornam-nas incompreensíveis ou banais para inteligências apaixonadas por conexões físicas e relações propriamente cósmicas.

Diminuem indevidamente Cristo e o mistério tão profundamente realista da sua Carne. — Não, o Corpo de Cristo não é, como alguns preguiçosamente querem levar a crer, a associação extrínseca ou jurídica dos homens envolvidos por uma mesma benevolência, e aos quais é destinada uma mesma recompensa. O Corpo de Cristo deve ser ousadamente compreendido, tal como S. João, S. Paulo e os outros Padres Apostólicos o viram e amaram: forma um Mundo natural e novo, um organismo animado e dotado de movimento, no qual estamos todos unidos, física, biologicamente.

O único problema do Mundo, é a incorporação física dos fiéis a Cristo que pertence a Deus. Ora, essa obra capital realiza-se *com o rigor e a harmonia de uma evolução natural*.

Na origem destes desenvolvimentos era necessária uma operação, de ordem transcendente, que enxertasse — segundo condições misteriosas, mas fisicamente determinadas — a Pessoa de um Deus no Cosmos humano; que « imanentizasse » no nosso Universo o Princípio em torno do qual uma elite predestinada deve realizar a sua segregação. *Et Verbum caro factum est*. Foi a Encarnação. Desse contacto primeiro e fundamental de Deus com a nossa raça, em virtude da penetração do Divino na nossa natureza, uma vida nova nasceu, engrandecimento inesperado e prolongamento « obediencial » das nossas capacidades naturais, a Graça. Ora a graça não é apenas a forma semelhante de diversas imanências, a vida uniforme mas múltipla que se divide entre os vivos. É a seiva única que sobe até aos ramos a partir do mesmo tronco, o Sangue que corre nas veias pelo impulso de um mesmo Coração, o influxo nervoso que atravessa os membros, ditado por uma mesma cabeça; e a Cabeça radiosa, o Coração poderoso, o Caule fecundo, são inevitavelmente Cristo. Pela Graça, Vida una e idêntica, não nos tornamos apenas pais; nem mesmo irmãos: identificamo-nos com uma mesma Realidade, superior, que é Jesus.

Jesus, sem dúvida, podia contentar-se vivificando assim, por simples influência colectiva e espiritual, as células humanas que, misticamente, se prolongam através do Universo.

Faz mais; por meio da comunhão sacramental, é por um contacto individual e integral, de alma a alma, carne a carne, que consuma a união dos fiéis em Si, depositando, até na matéria do seu ser, com a exigência imperiosa de aderir ao Corpo místico, um germe de ressurreição. Cristo, como toda a vida, predispõe os nossos desejos e os nossos esforços: primeiro pela Encarnação, depois pela Eucaristia, organiza-nos para Ele, impõe-se. Mas, também como toda a vida, requer a cooperação da nossa boa vontade e dos nossos actos. Essa colaboração essencial, damo-la a Ele por um esforço de assimilação activa, submetendo amorosamente a nossa autonomia à Sua: assimilação na doçura e na humildade;

assimilação na comunhão de sofrimentos, por onde se continua e completa a Paixão do Calvário; assimilação, sobretudo, na Caridade, virtude maravilhosa que, fazendo distinguir e amar Jesus em cada homem, nos permite promover, na «imediatez» de um único acto, a unificação de todos em Um.

No decurso dessa comunhão laboriosa, podemos ser tentados a crer, dir-nos-ão talvez, que realizamos de boa-fé, na nossa alma, embelezamentos morais e uma semelhança com Deus superficial, análogos aos aperfeiçoamentos pelos quais, na vida social, os homens ciosos da sua cultura pessoal, têm o costume de melhorar a sua natureza. Erro! Os nossos esforços têm uma repercussão diversamente durável e profunda. Tão eficaz e «criadora» como a vida, Mãe dos Organismos, a nossa acção animada pela Graça constitui um verdadeiro Corpo. O de Cristo que quer consumir-se em cada um de nós.

Na verdade, o Corpo místico de Cristo deve ser concebido à maneira de uma Realidade física, *sem atenuante...* Só nessa condição os grandes mistérios e as grandes virtudes da Religião, o papel mediador de Jesus, a importância da Comunhão, o valor extraordinário da caridade, ganham *todo o seu significado*; só nessa condição, a Pessoa do Salvador mantém a sua plena sedução sobre os nossos espíritos, a sua plena urgência sobre os nossos destinos.

Oh sim, Jesus, creio-o, e quero gritá-lo nos telhados e nas praças públicas. Não sois apenas o Mestre exterior das coisas e o esplendor incomunicável do Universo: mais que isso, sois a influência dominadora que nos penetra, nos sustém, nos atrai, pelo cerne dos nossos desejos mais imperiosos e profundos; sois o Ser cósmico que nos envolve e assim nos completa na perfeição da sua Unidade. É bem assim, é bem por isso, que vos amo acima de tudo!

Ardendo num desejo aparentemente contraditório, tinha sede, Senhor, de ser mais eu próprio saindo de mim mesmo, e sois vós, fiel à vossa promessa, que me saciais com a *Água viva* da vossa Essência preciosa, na Qual quem se perde encontra a sua alma e a de todos os outros unidos à sua...

Já, na contemplação da vossa Divindade, experimentei o arrebatamento de encontrar um Infinito pessoal e dotado de amor; e a associação dessas palavras era tão doce que, de as repetir, me parecia sentir uma interminável beatitude, como a nota única da viola do Anjo que não deixava S. Francisco. Eis agora que na vossa humanidade, é a própria multitudine da minha raça que se anima; e o sopro que lhe coagula e harmoniza os elementos esparsos não é um Espírito de natureza superior e perturbadora; é uma alma humana, que sente e vibra como eu: é a vossa própria alma, Jesus. E eis, ainda, que por uma condescendência suprema para com os meus desejos de actividade e de mudança, esse Mundo superior e definitivo que concentrais e abrigais em Vós, mo apresentais *inacabado*, de forma que a minha vida se possa alimentar da satisfação intensa de Vos dar um pouco a Vós. — É este o grande interesse, absoluto e palpável que eu sonhava como fim e ideal de todos os meus esforços humanos: o reino de Deus, a promover e a ganhar! O Vosso Corpo, Jesus, não é apenas o Centro de todos os repousos definitivos, é também o laço de todos os esforços úteis. Em Vós, paralelamente com *Aquele que é*, posso amar apaixonadamente *Aquele que se transforma*. Que mais me falta para que a paz definitiva se entenda sobre a minha alma satisfeita, de uma maneira inesperada, nas suas mais inverosímeis aspirações de vida cósmica?

Mais uma coisa, Senhor, uma só. Mas a mais difícil de todas e — o que é bem pior — que vós tendes possivelmente reprovado... É que, para participar de Vós, me não seja de forma alguma exigido rejeitar o Mundo radioso no êxtase do qual despertei...

C. O ESCÂNDALO DO REINO DE DEUS

Como cumeadas nevadas pairando, quase irreais, por sobre o nevoeiro, e às quais um sopro ligeiro, pouco a pouco, descobre os sopés, a Jerusalém celeste, aparecida primeiro nas nuvens do céu, baixou sobre a Terra.

Graças a Jesus mediador, o Cosmos sobrenatural descobriu as suas raízes, intimamente enredadas no nosso Universo. No nosso Mundo o Salvador germinou; pelo prolongamento dos nossos humildes trabalhos e da nossa paciência, cresce ainda e completa-se. Tantas condescendências providenciais para com as nossas preocupações de perfeição e de felicidade imanentes deveriam, ao que parece, satisfazer e desarmar todas as nossas exigências. Tal não sucede, infelizmente. Pois, por mais terrestre e humano, por mais profundamente enxertado no nosso Cosmos e na nossa Vida que seja o Corpo de Cristo, permanece ainda, à primeira vista, estranho ao Mundo: desenvolve-se no Mundo, mas, dir-se-ia, como se aí não estivesse...

Para prepararmos para nós a alegria de lhe quebrar o pérfido encanto, não tenhamos experimentar lealmente nos nossos espíritos a força dessa perspectiva (dessa ilusão?).

Na base dos nossos engrandecimentos sobrenaturais, Deus pôs a boa vontade. O coração puro, a honesta intenção, são os órgãos da vida superior na qual, por assim dizer, todas as esperanças da alma se encontram canalizadas: o princípio fundamental da edificação do Corpo de Cristo é a *utilização do valor moral subjectivo* dos actos humanos. No domínio da moralidade o Divino e o Terrestre unem-se e fundem-se.

Esta concepção, sem dúvida, é extremamente reconfortante. Sendo sempre o homem o senhor da sua intenção, nada pode tirar, à mínima das suas operações, o valor supremo e vital do Mérito. Em todas as circunstâncias, e em toda a nossa actividade, podemos consagrar-nos à Obra da Salvação universal; nada mais consolador. — Infelizmente, quem o não vê?, o inconveniente e o reverso dessa economia é desprezar quase inteiramente o lado material do acto, o seu valor, o seu sucesso naturais... Que o facto «êxito» se torne secundário, é uma imensa consolação. Mas é simultaneamente um grande perigo e uma grande fraqueza. De que nascerá, de ora avante, a severidade da luta, a angústia fecunda da investigação?

Apenas a *faceta moral das coisas* importa: ora, entre essa faceta e a sua qualidade cósmica, não há *qualquer relação fixa* — ou antes, há, frequentemente, uma razão inversa!¹ Assim é, com efeito, a apreciação cristã, tão paradoxal do sofrimento: não só o insucesso aparente, palpável, passa para a categoria de infortúnio accidental; mas arrisca-se a ser preferível ao próprio êxito, pois, mais do que aquele, oferece uma ampla perspectiva de santificação. Nenhuma doutrina é mais eminentemente evangélica que esse primado da humildade, da dor. Impossível pô-lo em dúvida: pela abnegação, desinteresse, renúncia passou Jesus, e os seus discípulos devem segui-lo; a via por onde progride o seu Reino é a estrada do desapego, do sangue e das lágrimas — o caminho da Cruz. Como por uma metamorfose dolorosa, pela qual nasce toda uma vida de toda uma morte, assim germina o Cosmos divino das ruínas da Terra Antiga...

Que quer isto dizer, senão que, satisfatória quanto à *forma* das nossas aspirações cósmicas às quais é apresentada a inserção inesperada num Mundo dotado de propriedades ideais e inauditas, a Revelação ofusca, de facto, a nossa sede de Absoluto, declarando o *objecto* primitivo do seu arrebatamento secundário, inútil ou mesmo condenável. O organismo sobrenatural, o Reino divino, desenvolvem-se *através* do Progresso humano, independentemente dele, ou, o que é bem mais inquietante, *em ruptura* com ele. Portanto, desfloram-no ou matam-no. Quer o Mundo terrestre *triunfe* ou *aborte*, chegarei *igualmente bem* ao termo do meu desenvolvimento, e com mais segurança ainda, possivelmente, se ele abortar! Eis as aparências. E estas são revoltantes para o incrédulo, desconcertantes também para o devoto que não quer renunciar à esperança de concorrer pelo contributo dos seus trabalhos humanos e das suas conquistas materiais, para a edificação de um *xrnua sç âei*.

¹ O problema aqui discutido do valor cristão da acção temporal será um dos temas fundamentais do *Milieu, divin* (v. 2 de *Ceuvres*, primeira parte). E, poder-se-ia dizer, a transposição da noção clássica do «dever de estado» para um universo em evolução.

Se, pelo menos, pudesse crer, esse devoto, que nele só a sensibilidade foi atingida! Se pudesse atestar que a sua pena é simplesmente nostalgia dos horizontes terrestres aos quais a sua alma está ligada como às paredes e aos ruídos da nossa velha e primeira casa!... Então, faria alegremente o seu sacrifício. Obedecendo às leis austeras de todo o Devir, saberia, para subir mais alto, dizer adeus aos prazeres inferiores e fáceis. Mas não! a sua angústia é mais profunda. Nela, há algo bem distinto do coração que geme. É o espírito que não compreende.

Não compreende que na obra tão harmoniosa e tão compreensiva da santificação possa existir um antagonismo sério, que se possa abrir uma profunda fissura entre os desígnios do Céu e as mais nobres ambições da Terra. Jesus, é certo, maldisse o Mundo... mas o Mundo auto-suficiente, vil e epicurista, e não o Mundo que trabalha e se aperfeiçoa, o Mundo do prazer egoísta, e não o Mundo do esforço desinteressado. Ora esse Mundo, que não poderia merecer a repulsa de Deus, pois prolonga o impulso do Criador, vive e progride, incontestavelmente, na Fé num Futuro que lhe é imanente. Entre os dois ou três dogmas naturais que a Humanidade, ao fim das suas longas disputas, e da sua infatigável crítica, está em vias de conquistar, o mais categórico e o mais amado é sem dúvida o do preço infinito e das riquezas insondáveis do Universo. «O nosso Mundo encerra em si uma promessa misteriosa de Futuro, implicada na sua Evolução natural»: são estas as primeiras palavras balbuciadas pelo espírito recém-nascido perante o espectáculo das grandezas cósmicas; tal é a afirmação última do sábio cujos olhos se fecham, pesados e fatigados de terem visto demasiado sem poderem exprimi-lo.

Se portanto eu, supondo-me em nome da minha religião, me arrisco a desdenhar de uma tão grande Esperança, que é o ídolo da minha geração, que língua falarei para ser compreendido por nove décimos dos meus irmãos? Que mesquinha figura farei ao lado dos que lutam asperamente pela Vida, cuja ousada tenacidade, vinte vezes *condenada a priori* pelo extrinsecismo preguiçoso de uma certa ciência e de uma certa oração, *termina invariavelmente* por fazer triunfar a ciência *humana*, o poder *humano*?

No meio dos homens, serei um isolado, um excêntrico, um desertor, que rapidamente diverge do único ramo verdadeiramente activo e vivo da Humanidade. Serei um humilhado e um diminuído, que trabalha sem convicção, sem ardor, sem amor.

Sem dúvida, restam-me o recurso e o dever de cooperar no Progresso temporal do Mundo «para fazer a vontade de Deus», «para honrar a Igreja», «para confundir os incrédulos»...Mas como esses diversos motivos são frouxos, longínquos, indirectos, comparados com a urgência dos agulhões com que nos pica a necessidade de «*triunfar*», para «*ser*»! Está muito bem advertirem-me de que existe um preceito divino de fazer frutificar a Terra. Mas se se acrescentar imediatamente que os esperados frutos do meu labor são *em si mesmos* vãos e efémeros, que o Mundo me é principalmente abandonado, como a um esquilo a sua roda, para me exercitar no vazio, que chama há a esperar da minha boa vontade? Para que me dedique ardente, sinceramente, ao trabalho cósmico, para que possa concorrer, com armas iguais, com os Filhos da Terra, é necessário que esteja convencido, não só do mérito das minhas obras, mas do seu valor. É necessário que creia naquilo que faço...

Ora, quer queira quer não, creio. Creio na ciência quando trabalho num laboratório. Creio num Super-homem quando me entusiasmo por uma guerra de culturas, e considero um favor de Deus poder arriscar a minha existência a uma morte abominável para fazer triunfar um ideal de civilização. E, crendo nisso, não tenho consciência de renegar a minha fé em Cristo, nem de cometer um roubo ao amor absoluto que lhe devotei. Bem pelo contrário, sinto que, quanto mais me entrego de certa maneira me interesse por uma Terra maior, mais pertenço a Deus.

Que significa essa experiência senão que, a despeito das palavras e dos princípios mal interpretados, é possível a conciliação entre o amor cósmico do Mundo e o amor celeste de Deus? Na minha acção, na de todos os cristãos, pela colaboração harmoniosa da natureza e da graça, o acordo é, *de jacto*, realizado entre o culto do Progresso e a paixão da glória de Deus. Existe pois uma fórmula para o exprimir racionalmente.

Alguns *deve existir um ponto de vista* de onde Cristo e a Terra apareçam situados de tal modo, Aquele em relação a esta, que eu não pudesse possuir Aquele sem abraçar esta, comungar com Aquele sem me fundir nesta, ser absolutamente cristão senão à força de ser desesperadamente humano...

Esse ponto de vista encontra-se na região do grande Mistério inexplorado, lá onde a Vida de Cristo se mistura com o Sangue da Evolução.

CAPITULO IV

A COMUNHÃO COM DEUS PELA TERRA

A. CRISTO CÓSMICO

Pela graça, Jesus Cristo está unido a todas as almas santas, e como os laços que a Ele ligam as almas, numa única massa santificada Nele confinam, Nele se reúnem, por Ele se mantêm, é Ele que reina, Ele que vive; a Ele o corpo inteiro pertence. Mas as almas não são um grupo de mónadas isoladas: formam com o Universo (é o que, propriamente, nos revela a «visão cósmica») um bloco único, cimentado pela Vida e pela Matéria. Portanto, Cristo não poderia limitar o seu Corpo a qualquer periferia traçada no interior das coisas; vindo sobretudo para as almas, unicamente para as almas, não pôde unir-se-lhes e vivificá-las senão revestindo e animando com elas todo o resto do Mundo; pela sua Encarnação inseriu-se não só na Humanidade, mas no Universo a que pertence a Humanidade — não apenas a título de elemento associado; mas com a dignidade e a função de princípio directivo, de Centro para o qual todo o amor e toda a afinidade convergem.

Por mais misterioso e vasto que já seja o Corpo místico, não esgota a imensa e benéfica integridade do Verbo feito carne. Cristo tem um *Corpo cósmico* repartido por todo o Universo: tal é a última palavra que é preciso ouvir. «*Qui potest capere, capiat.*»

Por mais actual que possa parecer, este Evangelho de Cristo cósmico, em que talvez resida a salvação dos tempos modernos, é realmente a palavra que do céu foi trazida aos nossos antepassados, o novo tesouro providentemente depositado ao lado dos valores antigos. Lida com um espírito receptivo e aberto, sem as glosas tímidas de um bom senso acanhado que aceita tomar à letra a fórmula da Consagração (porque a fé a isso o obriga) mas em todas as outras partes adere ao sentido mais mesquinho, a Escritura parece formal.

A Encarnação é uma renovação, uma restauração de *todas* as forças e poderes do universo; Cristo é o instrumento, o Centro, o Fim de *toda* a Criação animada e material; por Ele, *tudo* é criado, santificado, vivificado. Eis o ensinamento constante e *corrente* de S. João e de S. Paulo (o mais «cósmico» dos escritores sagrados), o ensinamento dado pelas frases mais solenes da liturgia... mas que repetimos e que as gerações continuarão a dizer até ao fim, sem poderem dominar, nem avaliar-lhe o significado misterioso e profundo — ligada como ela está à compreensão do Universo.

Desde a origem das Coisas, que se iniciou um Advento de recolhimento e de labor, no decurso do qual, dócil e amorosamente, os determinismos se submetiam e se orientavam na preparação de um Fruto inesperado e no entanto aguardado. Tão harmoniosamente adaptadas e manejadas que o Supremo Transcendente parecia germinar, todo ele, da sua imanência, as Energias e as Substâncias do Mundo concentravam-se e purificavam-se na estirpe de Jessé; formavam com os seus tesouros destilados e acumulados, a jóia resplandecente da Matéria, a Pérola do Cosmos e o seu ponto de ligação com o Absoluto pessoal encarnado, a bem-aventurada Virgem Maria, Rainha e Mãe de

todas as coisas, a verdadeira Deméter... e quando chegou o dia da Virgem, a finalidade profunda e gratuita do Universo revelou-se subitamente: desde os tempos em que o primeiro sopro da individualização, passando pelo *Supremo Centro inferior* distendido, fazia sorrir nele as mónadas originais, tudo se movia em direcção da Criança nascida da Mulher.

... E depois de Jesus nascer, de ter cessado de crescer, de ter morrido, *tudo continuou a mover-se porque Cristo não acabou de se formar*. Não chamou a Si as pregas da sua Veste de carne e de amor formada pelos devotos... *Cristo místico não atingiu o seu pleno crescimento — nem, portanto, Cristo cósmico*. Um e outro, simultaneamente, *são e devêm*: e no prolongamento dessa criação se situa a última mola de toda a actividade criada. Pela Encarnação, que salvou os homens, o próprio Devir do Universo foi transformado, santificado; Cristo é o termo da Evolução, *mesmo natural*³ dos seres; a *Evolução é santa*. Eis a *verdade libertadora*, o remédio divinamente preparado para as inteligências fiéis, mas apaixonadas, que sofrem de não saberem conciliar em si dois impulsos igualmente imperiosos e vitais: a fé no Mundo, e a Fé em Deus.

B. A SANTA EVOLUÇÃO

1. *A mão de Deus sobre nós*. — «O Mundo está ainda a criar-se, e nele, é Cristo que se completa...» Quando ouvi e compreendi estas palavras, olhei, e apercebi-me, como que num êxtase, que estava *mergulhado em Deus por toda a Natureza*.

³ Desde o momento que o Universo (a Natureza) é uma Evolução, pode-se dizer, em relação à Evolução, o que S. Tomás dizia em relação à Natureza, falando do sobrenatural: *Non est aliquid naturae, sed naturae finis*; não é algo da natureza, mas é o fim (último) da natureza.

Toda a rede inextricável e premente das ligações materiais, todo o *plexus* das correntes fundamentais, lá estavam, de novo diante de mim, como na hora do primeiro despertar, mas animados e transfigurados: pois as suas dependências, os seus encantos, os seus inumeráveis apelos se descobriam perante o meu olhar, iluminados, santificados, divinizados, na sua acção e no seu futuro. «Deus está em toda a parte, Deus está em toda a parte» (Santa Ângela de Foligno).

Durante a crise pagã, desencadeada em mim pela iniciação cósmica, após a revelação inicial do meu envolvimento e da minha exaltação no seio do Mundo, relaxara-me lascivamente, no gesto instintivo de uma autonomia excedida pela sua estreiteza e impotência. Infelizmente, a Divindade que eu julgara entrever, então, era tentadora e dissolvente; o seu rosto sedutor era a máscara dum pensamento ausente e de um coração vazio.

Agora, reencontro a possibilidade de me deixar levar pelo meu primeiro impulso, sem risco de me diminuir, nem de estreitar um fantasma. Cada um dos eflúvios que me atravessam, me envolve ou me cativa, emana, em absoluto, do coração de Deus, transporta, como se duma energia subtil e essencial se tratasse, as pulsações da Vontade de Deus. Cada encontro que me acarinha, que me aguilhoa, me choca, me confunde ou me quebra, é um contacto da mão multiforme, mas sempre adorável, de Deus. Abandonando-me ao abraço do Universo visível e palpável, posso comungar com o Invisível purificador, e incorporar-me no Espírito imaculado! Deus vibra no Éter; e, por ele, se insinua até ao cerne da minha substância material. Por Ele, todos os corpos se ligam, se influenciam e se apoiam na unidade da Esfera total cuja superfície limite não pode ser por nós imaginada...

Deus trabalha na Vida. Auxilia-a, ergue-a, dá-lhe o impulso que a impele, o apetite que a atrai, o crescimento que a transforma. Sinto-O, toco-Lhe, «vivo»-O na corrente biológica profunda que circula na minha alma e consigo a faz rodar.

Deus transparece e personifica-se na Humanidade. Sinto-o no meu irmão; oiço-o falar nas ordens superiores — e depois, de novo, como numa segunda zona material, encontro e experimento o contacto dominador e penetrante da Sua mão, ao nível superior das energias colectivas e sociais.

Quanto mais desço em mim, mais encontro Deus no âmago do meu ser; quanto mais multiplico as conexões que me ligam às Coisas, mais, apertadamente ele me estreita — Deus que continua em mim a sua Obra, tão longa como a totalidade dos séculos, da Encarnação do seu Filho. Abençoadas passividades que me enlaçais por cada fibra do meu corpo e da minha alma, Santa Vida, Santa Matéria, pelas quais comungo, ao mesmo tempo que pela Graça, da génese de Cristo, pois, perdendo-me docilmente nos vossos vastos recessos, nado na Acção criadora de Deus, cuja mão não cessou, desde as origens, de modelar a argila humana destinada a formar o Corpo do seu Filho, consagro-me ao vosso domínio; entrego-me a vós, aceito- -vos e amo-vos. Estou feliz por Alguém me ligar e me conduzir onde eu não desejava. Bendigo as circunstâncias, os favores, as fatalidades da minha carreira. Bendigo o meu carácter, as minhas virtudes, os meus defeitos... as minhas taras. Amo-me tal como me recebi e tal como o meu destino me forma. Mais que isso, procuro adivinhar e surpreender as mais ténues aragens que me solicitem, para a elas estender, abertas, as minhas velas. Quero que perante a Vontade divina, de que está carregada e impregnada a Natureza, a minha alma seja uma mónada transparente, flexível, obediente. ... E, nessa primeira visão fundamental se esboça a reconciliação do Reino de Deus e do amor cósmico: o seio maternal da Terra é algo do seio de Deus.

2 *A luta com o Anjo.* — Ora, não somos apenas as crianças embaladas e amamentadas pela *l'aïa uixnp*. Como crianças tornadas adultas, devemos saber andar sós, e auxiliar activamente aquela que nos deu à luz.

Se portanto estamos resolvidos a submeter-nos integralmente às vontades divinas inscritas nas leis da Natureza, a nossa obediência deve lançar-nos no esforço positivo, o nosso culto das passividades desembocar na paixão do trabalho. Com redobrado ardor visto não se tratar simplesmente, aos nossos olhos, de promover uma obra humana, mas de completar, de certa forma, Cristo, devemos consagrar-nos, mesmo no domínio natural, à cultura do Mundo.

Mais envolvente se tornara para os nossos corações, graças à Revelação de Cristo cósmico, o contacto das Coisas. Mais insistente, agora, retine aos nossos ouvidos a Voz que chama para o domínio dos Segredos e das Forças, para o domínio do Universo. *Para que chegue o Reino de Deus, é necessário que o Homem conquiste o ceptro da Terra.*

Estritamente falando, não seria indispensável, para a verdade dessa tese, definirmos em que é que o aperfeiçoamento natural e artificial do Mundo pode contribuir para a plenitude de Cristo. Desde que o Progresso imanente seja a Alma natural do Cosmos, e que o Cosmos esteja centrado em Jesus, deve-se admitir como demonstrado que, de uma forma ou de outra, a colaboração no Devir cósmico é uma parte essencial e primária dos deveres do cristão. Com um único e mesmo movimento, a Natureza embeleza-se, e o Corpo de Cristo atinge o seu pleno desenvolvimento.

Importa no entanto muito, para a nitidez e a alegria da nossa acção, que tentemos precisar alguns factores e algumas linhas dessa coincidência. Quais podem ser os resíduos absolutos do Cosmos, destinados a passar para o edifício celeste? Em que pode a segregação dos eleitos numa massa santa ser influenciada pelas descobertas da ciência pura, da Física ou da História? Como, independentemente do engrandecimento dos méritos sobrenaturais, Cristo se realiza na Evolução?...

Uma primeira resposta, muito modesta, mas já bem urgente, se a compreendermos até ao fim, é a seguinte: o cristão está mais ligado que ninguém, ao trabalho cósmico, porque esse trabalho é necessário *a fira de que o Mundo dure*. Concebamos por um instante as coisas no seu grau inferior. Admitamos que o Tronco material, biológico e social, onde amadurecem os indivíduos seja, ele próprio, inteiramente, susceptível de murchar. Admitamos, também, que os seus frutos devem nascer indefinidamente, semelhantes entre si, não podendo de ora avante qualquer transformação profunda fazer variar a espécie humana. O Cosmos então não tem outro valor senão o de um terreno de sementeira e de exercício, onde, na pesquisa e contemplação das criaturas, a alma aperfeiçoa e aguça as suas faculdades potenciais, aprende, em objectos inferiores, a escolher e a amar... Mas, mesmo assim, será necessário que se mantenha esse meio de cultura, que permaneça viçoso esse Tronco, enquanto o Céu exigir santos. Que lhes é necessário para isso? Um grande calor e uma grande tensão. À maneira de corpos em movimento o Mundo não se mantém senão pelo seu impulso e o seu desabrochar. Se nele a multidão de mónadas cessasse a fermentação das suas actividades, da sua indústria, das suas investigações naturais, tombaria como um avião cujo motor já não anda. Cristãos, interrogamo-nos por vezes, com inquietação, sobre a utilidade das nossas prolongadas estadias nos laboratórios, as nossas infinitas escavações em tudo o que encerra um mistério... Tranquilizemo-nos. Esgotamo-nos pelo menos *a suster a Terra* até que o Corpo de Cristo seja consumado. Mas seria, verdadeiramente, muito pouco, para a harmonia da Criação e o encorajamento dos nossos esforços, que a utilização dos produtos naturais dos nossos trabalhos se limitasse a um simples efeito de manutenção. Admitamos, mais uma vez, que o Cosmos é perecível, sem resíduo, pelo seu tronco.

Quem nos prova que as pessoas imortais, delas destacadas durante séculos, não estão sujeitas a um desenvolvimento natural absoluto, que os pequenos bagos amargos da origem não serão seguidos de frutos maiores e mais saborosos? Pela sua alma espiritual, o Homem instala-se numa nova plataforma ontológica e biológica. Quem nos diz que nessa plataforma não existe uma vertente que dê acesso a modos de vida insuspeitados? A Evolução natural, dizíamos, parece agora absorvida pelas preocupações com a alma; de orgânica e fatal, sobretudo, ela tornou-se sobretudo psicológica e consciente. Mas não morreu; o seu braço nem sequer se encurtou. Já, nalguns elementos psíquicos particularmente antigos, tais como o amor recíproco do homem e da mulher, podemos medir que amplitude, que enriquecimento, que complexidade, que pureza o trabalho do tempo conseguiu dar ao núcleo primitivo de um sentimento todo ele impregnado de sensação brutal... Quem sabe *que assombrosas espécies e tonalidades naturais* de alma o esforço perseverante da Ciência, da Moral, da Sociologia, estão em vias de fazer nascer, sem as quais a beleza e a perfeição do Corpo místico não seriam de forma alguma completadas?...

Avante até ao termo das nossas ambições humanas... Temos, até aqui, renunciado a saber o que quer que seja de absoluto no Tronco cósmico de onde se destacam as almas maduras. Mas por que pusilanimidade nas nossas concepções e com que direito? Toda a economia da Igreja, pelos seus dogmas e sacramentos, nos ensina o respeito e o valor da Matéria. Cristo quis e teve de assumir uma carne autêntica. Santifica a carne humana por um contacto especial. Prepara-lhe fisicamente a Ressurreição. Na concepção cristã, portanto, *a Matéria conserva o seu papel cósmico de base inferior, mas primordial e essencial da União*; e, por assimilação ao Corpo de Cristo, algo dela própria está destinado a passar para os fundamentos e muros de Jerusalém celeste. Ora, de onde será tirada essa Matéria privilegiada e

eleita para servir para a nova Terra? Devemos simplesmente ver nela um produto secundário da santificação, elaborado por um refluxo da Graça sobre o involucro mortal das almas? Talvez. Mas por que, *mais naturalmente*, não deveria a substância purificada dos organismos ressuscitados, uma parte das suas perfeições aos esforços acumulados e concordantes do Progresso e da Evolução?... Sem poder prová-la, o espírito cósmico ama essa esperança que lhe concede a alegria de sentir, mesmo nas suas obras terrestres, um elemento incorruptível. Pelo menos, assim, fazendo a Natureza dar um passo em frente, atinge um resultado «que valha a pena»! O mesmo resultado sem dúvida poderia ter sido alcançado por um ímpio. Que importa! O inconsciente coopera bem na vida. Sob outro ponto de vista a filantropia, virtude inteiramente natural e laica, está perfeitamente apta a transformar-se por completo, em actos e objecto, em divina caridade. Por que é que a *preocupação do Progresso* e o *culto da Terra*, se se lhes fixa como termo a perfeição de Cristo, se não transformariam igualmente numa *grande Virtude*, inominada, que seria *a forma mais geral do amor a Deus, encontrado e servido na Criação*? Entre os obreiros de urna Terra maior, o cristão tem pois, devido à sua fé, o direito de reivindicar um lugar; e a alma com que se entregará a essa tarefa arderá com a chama dos Conquistadores. Também para ele, o renunciante, o desinteressado, o humilhado, há um interesse vital, é *uma questão de vida ou de morte*, que o Mundo triunfe na sua empresa, mesmo temporal. Na natureza, há apenas um instante, o crente via sobretudo os braços de Deus que envolvem, as suas Mãos criadoras que modelam... Aliando agora ao espírito de abandono o espírito de domínio, para obedecer torna-se atleta; e contra a Matéria perante a qual secretamente o seu coração se ajoelha, empreende o duelo que se deve prolongar até à consumação dos tempos — *a luta sincera de Jacob contra um abraço adorado*.

3. O *Sentido da Cruz*. — A luta custa. A Terra geme para dar à luz Cristo. *Omnis creatura ingemiscit et parturit*. Como um carro que range e chia, o progresso avança dolorosamente, por entre os embates e prantos...

Enganados pelos erros do panteísmo pagão, poderíamos crer, a princípio, que a adesão à doutrina cósmica mais não é que a passagem do amor-próprio estreito e vulgar a um egoísmo mais vasto e mais refinado — uma maneira elegante de abarcar mais alegria e de arriscar menos. Erro!

Para agir em conformidade com o seu novo ideal, aquele que resolver admitir o amor e os cuidados do Mundo na sua vida interior, vê-se sujeito a *uma suprema renúncia*. Está votado a continuar ele próprio fora de si, ou seja a amar mais o mundo que ele próprio. Vai ver quanto lhe custa essa nobre ambição.

É preciso, em primeiro lugar, em qualquer hipótese, trabalhar empurrando as coisas, e o seu próprio ser, na rude escalada da libertação e da purificação, disciplinar ou vencer as forças inimigas da Matéria, da Floresta e do Coração — fazer triunfar o Dever sobre a atracção, o espiritual sobre os sentidos, o Bem sobre o Mal... A turba dos Mortos que gritam que se não vacile, e do fundo do futuro, os que esperam a sua vez de nascerem, estendem para ele os braços e suplicam-lhe para lhes construir um ninho mais elevado, mais luminoso e mais quente.

É, talvez, necessário aceitar o papel do átomo imperceptível que realiza fielmente, mas sem honras, a função obscura, útil ao bem-estar e ao equilíbrio do Todo para o qual existe; tem de consentir ser, algum dia, a parcela de aço, à flor do gume, que saltará no próximo esforço, o soldado da primeira arrancada, *a superfície útil e sacrificada do Cosmos em actividade*.

É-lhe, infelizmente, muitas vezes necessário resignar-se a ser um *inutilizado* que desaparecerá sem ter podido dar o seu esforço, nem proferir a *sua* palavra — que sairá da existência com uma

alma plena de quanto as circunstâncias adversas lhe não terão permitido exteriorizar. Tem, mesmo (dor pior que todos as sufocações e todas as obscuridades), de confessar que é um *inutilizável* e um *falhado*...

Num organismo tão vasto como o Universo, uma multiplicidade de boas vontades e de recursos permanece sem uso, e uma série de abortos é o preço de alguns triunfos. Os obscuros, os inúteis, os falhados, devem regozijar-se com a superioridade dos outros, cujo triunfo apoiam ou pagam. E tudo isto é muito duro. O Mundo, a sujeição ao mundo, o dever de servir o Mundo, são pesados como uma cruz; e foi para *nos forçar a crer nele* que Jesus quis, dominando todos os caminhos da Terra, erguer-se em forma de Crucifixo, símbolo no qual cada homem pudesse reconhecer a sua imagem própria e verídica.

Gostaríamos de poder duvidar, esperar que a dor e a maldade sejam condições transitórias da Vida, que a Ciência e a Civilização eliminarão um dia... Sejam mais verdadeiros e tenhamos coragem para enfrentar a existência. Quanto mais a Humanidade se refina e se complica, tanto mais as probabilidades de desordem se multiplicam e a sua gravidade se acentua; pois não se eleva uma montanha sem escavar abismos, e toda a energia é igualmente poderosa para o bem e para o mal. Tudo o que *devém* sofre ou peca. A verdade sobre a nossa atitude neste mundo, é que *nós nele estamos em cruz*.

Ora Cristo não quis que a sua imagem dolorosa fosse um simples aviso hasteado, para sempre, no Mundo. No Calvário, Ele é ainda, e sobretudo, o *centro de confluência e de apaziguamento* de todos os sofrimentos terrestres. Temos muito poucos dados sobre a forma como Nosso Senhor *experencia* o seu corpo místico, para dele colher satisfação. Mas vislumbramos um pouco como pode receber os seus sofrimentos; e é mesmo a única forma de apreciar a imensidade da sua Agonia encontrar nela uma angústia, eco de todas as angústias, *um sofrimento «cósmico»*. Durante a sua Paixão,

Jesus sentiu recair sobre a sua alma, sozinha e esmagada, o peso de todas as dores humanas; numa prodigiosa e inefável síntese. Adoptou-as, sentiu-as todas...

E admitindo-as no domínio da sua consciência, transfigurou-as. O sofrimento e o pecado, sem Cristo eram como que a «entulheira» da Terra. Numa montanha de esforços peníveis, de esforços falhados, de esforços «reprimidos», acumulavam-se os desperdícios das actividades do Mundo. Pela virtude da Cruz, todo esse montão de destroços se tornou precioso: o homem compreendeu que não havia, para si, forma mais eficaz de progredir do que utilizar a horrível e repelente dor⁴.

A dor, o cristão sente-a como os outros. Como os outros deve esforçar-se por diminuí-la e serená-la, não apenas por orações suplicantes, mas pelos esforços de uma Ciência engenhosa e segura de si mesma. Mas, chegada a hora em que ela se impõe, ele utiliza-a. Por uma maravilhosa compensação, o mal físico, humildemente suportado, consome o mal moral. Segundo leis psicológicas definíveis, purifica a alma, estimula-a e torna-a desinteressada. Finalmente, à maneira de um sacramento, opera urna misteriosa união do devoto a Cristo sofredor.

Abordada numa disposição de doce abandono, depois com um espírito de conquista, a demanda de Cristo no Mundo termina pois, logicamente, por um apaixonado e doloroso abraço entre os

⁴ Esta nova orientação parece ligar-se, em primeiro lugar, à descoberta de que o Universo é uma Evolução. Enquanto foi considerado invariável («O que foi, será»; «não há nada de novo sob a luz do sol»), o dever de estado parecia estático, e, como é frequentemente penoso, podia-se ver nele sobretudo uma expiação. A partir do momento em que se introduz a consciência de uma evolução, de um desenvolvimento que tende cada vez mais a depender de nós, o dever de estado toma um aspecto de esforço, de conquista, de construção. Pode tornar-se entusiástico, aparecendo ao cristão como realizador de uma condição necessária do Reino de Deus.

braços da Cruz. Entusiasta e sincera, a alma entregara-se e abandonara-se a todas as grandes correntes da Natureza. Ao cabo das suas experiências e da longa maturação dos seus pontos de vista, apercebe-se de que nenhum trabalho é mais eficaz e apaziguador que recolher, para a consolar e oferecer a Deus, a Dor do Mundo; nenhuma atitude mais dilatadora para ela que a de se abrir, ampla e ternamente — com Cristo e Nele —, à simpatia para com toda a Dor, à «Compaixão cósmica».

4. O *Lugar do Inferno*. — Cristo, inserindo-se na Evolução, aperfeiçoou-lhe e fecundou-lhe extraordinariamente os recursos e o mecanismo. Para a mónada da boa vontade, tudo, rigorosamente tudo, mesmo a dor e a infelicidade, pode servir para a salvação. *Omnia cooperantur in bonum...* Por que será necessário que, de acordo com as leis de todo o Devir, e, muito especialmente, de toda a segregação, a Génese do Corpo místico e cósmico, teoricamente possível sem perda, se acompanhe de facto *da dissipação de energia e de vida* devida aos inumeráveis *pecados mortais e veniais*?

Por que será necessário, sobretudo, que reapareça — livremente, da nossa parte e no entanto com todos *os caracteres de uma fatalidade orgânica* —, o sinistro e desconcertante *desperdício* — esse definitivo — dos *condenados*?...

A essas perguntas, o homem que fortificou e educou o seu olhar na intuição do Cosmos, da sua harmonia total e das suas necessidades, não sabe responder, sem dúvida; mas não se admira que, também nesse caso, um Inferno seja corolário natural do Céu, e aprende a receá-lo.

OREMOS

Oh Jesus Cristo, há verdadeiramente na vossa benignidade e na vossa humanidade toda a implacável grandeza do Mundo. E é por isso, por essa inefável síntese realizada em vós, do que a nossa experiência e o nosso pensamento não teriam nunca ousado reunir para os adorar: o elemento e a Totalidade, a Unidade e a Multiplicidade, o Espírito e a Matéria, o Infinito e o Pessoal — é pelos contornos indefiníveis que essa complexidade dá à vossa Figura e à vossa acção, que o meu coração, apaixonado pelas realidades cósmicas, se Vos entrega apaixonadamente!

Amo-vos, Jesus, pela Multidão que em Vós se abriga, e que ouvimos, com todos os outros seres, murmurar, rezar, chorar, quando contra Vós estreitamente nos apertamos.

Amo-vos pela transcendência e pela inexorável fixidez dos vossos desígnios, pela qual a vossa doce amizade fica eivada de inflexível determinismo e nos envolve sem piedade nas dobras da sua vontade.

Amo-vos como Fonte, Meio activo e vivificador, Termo e Fim do Mundo, mesmo natural, e do seu Devir.

Centro onde tudo se encontra e que se distende sobre todas as coisas para as restituir a si, amo-vos pelos prolongamentos do vosso Corpo e da vossa Alma em toda a Criação, pela Graça, a Vida, a Matéria.

Jesus doce como um Coração, ardente como uma Força, íntimo como uma Vida, Jesus em quem me posso fundir, com quem devo dominar e libertar-me, amo-vos *como um Mundo*, como o Mundo que me seduziu, e sois Vós, agora o vejo, que os homens, meus irmãos, mesmo os que não creem, sentem e procuram através da magia do grande Cosmos.

Jesus, centro em direcção ao qual tudo se move, dignai- -vos dar-nos, a todos, se possível, um pequeno lugar entre as mónadas escolhidas e santas que, desagregadas uma a uma do caos actual

pela vossa solicitude, se agregam lentamente em Vós na unidade da nova Terra...

Viver a vida cósmica, é viver com a consciência dominante de que se é um átomo do corpo de Cristo místico e cósmico. Para o espírito que assim vive nada contam as preocupações absorventes para os outros; vive mais longe e o seu coração está sempre bem aberto.

É este o meu testamento de intelectual.

24 de Abril. Quinta-feira Santa. Fort-Mardik
(Dunkerque).

Numa folha separada, junta ao caderno manuscrito, encontrava-se o texto seguinte:

Nota: A Vida Cósmica *descreve as aspirações e formula os actos de uma vida concreta. Se tentarmos esclarecer-lhe os pressupostos e os princípios, constatamos que ela introduz nada menos que uma certa nova orientação da ascese cristã.*

De acordo com os pontos de vista «clássicos», o sofrimento é, *antes de mais, uma punição, uma expiação*; a sua eficácia é a de um sacrifício: nascido de um *pecado*, repara-o. É bom sofrermos para nos corrigirmos, nos vencermos, nos libertarmos.

Segundo as tendências e as ideias de *a Vida Cósmica*, pelo contrário, o sofrimento, antes de mais, é a consequência e o preço de um *trabalho de desenvolvimento*. A sua eficácia é a de um *esforço*. Mal físico e mal moral *nascem do Devir*: todas as coisas que evoluem têm os seus sofrimentos e cometem as suas faltas... A Cruz é o símbolo do *Trabalho árduo da Evolução* — mais que da *Expição*.

Evidentemente, estes dois pontos de vista podem coincidir, por exemplo, se se admitir que a consequência natural da Queda foi recolocar a humanidade no seu quadro conatural de progressão e de trabalho «com o suor do seu rosto». (E, nesse caso, é curioso verificar que, do ponto de vista das aparências, a Queda não é de forma alguma marcante, pois a sanção visível confunde-se com a Evolução, coincidindo a *Expição* com o Trabalho.)

No entanto, entre *a ascese expiatória* e *a ascese subentendida na «vida cósmica»*, há uma notável divergência de acentuação.

...E, por lealdade, eu devia fazê-lo notar.

17 de Maio de 1916